

Dr. Robert A. Peterson, Salvação, Sessão 14, Justificação, Número 3, Formulações Sistemáticas e Adoção, Parte 1

© 2024 Robert Peterson e Ted Hildebrandt

Este é o Dr. Robert Peterson em seu ensinamento sobre Salvação. Esta é a sessão 14, Justificação, Número 3, Formulações Sistemáticas e Adoção, Parte 1.

Continuamos nossas palestras sobre Salvação e o tópico da Justificação. Tendo revisado os entendimentos católico-romanos e reformacionais, continuamos nossas Formulações Sistemáticas, desta vez olhando para a base da Justificação.

Sua fonte é a graça de Deus, e sua base é a obra salvadora de Cristo. A Bíblia pinta um quadro panorâmico da realização salvadora de Cristo. Ela começa com a pré-condição essencial para a redenção, a Encarnação, e termina com seu final essencial, a Segunda Vinda.

No meio estão a vida sem pecado de Cristo, morte, ressurreição, ascensão, sessão, derramamento do Espírito no Pentecostes e intercessão. Mas o cerne, o coração e a alma da obra salvadora de Jesus é sua morte e ressurreição. Escrevi um livro sobre a obra salvadora de Cristo alguns anos atrás, *Salvation Accomplished by the Son, the Work of Christ*, que tem duas partes.

A primeira discute seus eventos salvadores, tudo, desde sua Encarnação até a Segunda Vinda, com o foco principal sendo, é claro, sua morte e ressurreição. E a segunda parte analisa as sete imagens bíblicas que a Bíblia pinta da realização salvadora de Cristo. É uma reconciliação; é uma redenção; é uma substituição legal; é o motivo *Christus Victor* ou vitória, segundo Adão e nova criação, tudo isso, e sacrifício.

Ele é uma imagem sacerdotal sacrificial também. Essas são as imagens que a Bíblia pinta para interpretar seus nove eventos salvadores, que, em seu cerne, novamente, são sua morte e ressurreição. Quando Paulo resume o evangelho que prega, ele inclui tanto a morte quanto a ressurreição de Cristo.

Estou pensando em 1 Coríntios 15:3 e 4. Eu passei para você, tão importante quanto eu também recebi, que Cristo morreu por nossos pecados de acordo com as escrituras, que ele foi sepultado, e que ele ressuscitou no terceiro dia de acordo com as escrituras. 1 Coríntios 15:3 e 4. Além disso, o apóstolo também inclui ambos os feitos mais importantes de Cristo ao falar do fundamento ou base da justificação em Romanos 4:25. Cristo foi entregue por nossas transgressões e ressuscitou para nossa justificação, Romanos 4:25.

As pessoas comumente erram quando ficam perplexas sobre como um Deus que é amor poderia condenar pecadores. Elas estão corretas em afirmar que Deus é amor, 1 João 4:8 e 16. Elas estão incorretas em ignorar o fato de que antes de João dizer que Deus é amor, ele diz que Deus é luz, e não há absolutamente nenhuma escuridão nele.

1 João 1:5. Deus é absolutamente santo e absolutamente amoroso. Comprometer sua santidade ou seu amor é distorcer a imagem bíblica de sua pessoa. Como vimos na última seção, a graça de Deus é a fonte de nossa justificação.

Sem seu amor incomparável, nunca seríamos salvos. Mas como um Deus amoroso pode declarar pecadores justos quando eles são tão injustos? Como em seu amor ele pode manter sua integridade moral e justificar os ímpios? A resposta está na complexidade da cruz de Cristo. Jesus, nosso substituto, salva porque sua cruz afeta nossa posição diante de Deus, tanto negativa quanto positivamente.

Negativamente, a morte de Cristo desvia a ira de Deus, Romanos 3:25, 26. Positivamente, sua morte obtém justiça, Romanos 5:18 e 19. Essas são duas maneiras pelas quais as escrituras apresentam a cruz de Cristo como a base da justificação.

Trataremos do primeiro primeiro. Quatro vezes, a escritura ensina que a morte de Cristo é uma propiciação, como em Romanos 3:25 e 26, Hebreus 2:17, 1 João 2:2 e 1 João 4:10. Novamente, Romanos 3:25, 26, Hebreus 2:17, 1 João 2:2, 1 João 4:10.

A morte de Cristo é uma propiciação. Romanos 3:25, 26 é a passagem-chave porque é a mais desenvolvida. Paulo havia estabelecido a declaração temática de Romanos em 1:17, a revelação da justiça de Deus.

Então, em 1:18 a 3:20, ele expandiu outro tópico, a revelação da ira de Deus contra os pecadores. Agora ele retorna ao tema das epístolas em Romanos 3:21. Mas agora, à parte da lei, a justiça de Deus foi revelada, atestada pela lei e pelos profetas, 3:21.

Todos os humanos são pecadores que carecem dessa justiça salvadora e a ganham confiando em Cristo, Romanos 3:22 e 23. A graça de Deus justifica pecadores por meio da morte vicária de Cristo, que é tanto uma redenção, Romanos 3:24, quanto uma propiciação, versículos 25 e 26. Este é o principal texto das escrituras sobre propiciação.

Citando Romanos 3:24 a 26 da ESV. Cristo Jesus, a quem Deus propôs como propiciação pelo seu sangue para ser recebido pela fé. Isso foi para mostrar a justiça de Deus porque, em sua tolerância divina, ele havia passado por cima dos pecados anteriores.

Era para mostrar sua justiça no tempo presente para que ele pudesse ser justo e o justificador daquele que tem fé em Jesus, Romanos 3:24 a 26. À luz do testemunho das escrituras sobre a santidade, justiça e amor de Deus, devemos perguntar: como Deus pode salvar pecadores enquanto mantém sua integridade moral intacta e satisfaz sua justiça? A resposta está nestes versículos. Em sua tolerância e clemência, Deus não trouxe julgamento imediato sobre os pecados cometidos antes da vinda de Cristo.

Em vez disso, ele, citação, passou por cima de pecados passados, Romanos 3:25. Ele perdoou os santos do Antigo Testamento com base na expiação final a ser feita no futuro. Ele os perdoou, em última análise, com base na obra de Cristo que viria e imediatamente com base na resposta dos santos do Antigo Testamento à mensagem do evangelho nos sacrifícios do Antigo Testamento.

Embora fosse, entre aspas, impossível que o sangue de touros e bodes tirasse pecados, entre aspas, as cerimônias de sacrifício do Antigo Testamento retratavam o evangelho, Hebreus 10:4. Mas Deus ainda tinha que lidar com o pecado. Ele tinha que fazer expiação de uma vez por todas com um sacrifício cuja eficácia se estenderia aos santos do Antigo Testamento, Hebreus 9:15. Deus fez isso quando ele, entre aspas, apresentou Cristo como propiciação por seu sangue, entre aspas, Romanos 3:25.

Lutero afirma claramente. Não havia remédio para a culpa e a ira, exceto que o único filho de Deus entrasse em nossa aflição e se tornasse homem, para tomar sobre si o fardo da ira terrível e eterna e fazer de seu próprio corpo e sangue um sacrifício pelo pecado. E assim ele fez pela misericórdia e amor imensuravelmente grandes para conosco, entregando-se e suportando a sentença de ira e morte sem fim.

Lutero, Sermão da Epístola, 24º Domingo após a Trindade em um livro chamado *The Precious and Sacred Writings of Martin Luther*, volume 9, páginas 43 a 45. Cristo morreu em nosso lugar. Morrendo a morte, deveríamos ter morrido.

Deus puniu seu filho com o castigo que nós pecadores merecíamos. Deus assim mostrou, entre aspas, sua justiça no tempo presente para que ele seja justo e justificador daquele que tem fé em Jesus, Romanos 3:25. A propiciação de Deus por sua justiça na obra de Cristo permite que Deus permaneça santo e justo enquanto declara justamente justos todos os que creem em Jesus.

Então, a morte de Cristo negativamente, se você preferir, é uma propiciação. A morte de Cristo positivamente obtém justiça para todo aquele que crê. A cruz de Jesus não apenas satisfaz a ira de Deus, mas também ganha a justiça de que precisamos para a justificação.

Paulo apresenta isso em seu poderoso contraste entre o primeiro e o segundo Adão, Romanos 5:18 e 19. Assim como por uma só transgressão há condenação para todos, assim também por um só ato de justiça há justificação que conduz à vida para todos. Pois assim como pela desobediência de um só homem muitos foram feitos pecadores, assim também pela obediência de um só muitos serão feitos justos, Romanos 5:18 e 19.

Paulo primeiro contrasta a única transgressão de Adão com o único ato justo de Cristo, versículo 18. O pecado de Adão trouxe condenação. O ato de Cristo de morrer na cruz trouxe, citação, justificação que leva à vida eterna, versículo 18.

O apóstolo então diz basicamente a mesma coisa em palavras diferentes. O pecado primordial de Adão fez com que muitos fossem pecadores aos olhos de Deus, e a obediência de Cristo até a morte, até mesmo a morte na cruz, Filipenses 2:8, fez com que muitos fossem justos aos olhos de Deus, Romanos 5, 19. Paulo apresenta os dois Adãos como realizando condenação e justificação para seus respectivos povos.

Mu interpreta corretamente o feito de Cristo no versículo 18 de Romanos 5, citação, Paulo quer mostrar não como Cristo tornou disponível a justiça e a vida para todos, mas como Cristo garantiu os benefícios dessa justiça para todos os que pertencem a ele. Alguns interpretaram o versículo 19 em categorias morais, mas Mu afirma corretamente que esta é uma citação de interpretação errônea. Ser justo não significa ser moralmente correto, mas ser julgado, absolvido, inocentado de todas as acusações no julgamento celestial, citação próxima. O comentário da epístola de Mu sobre os Romanos e essas citações vieram das páginas 3, 4, 3 e 3, 4, 5. Nosso desempenho nunca é o fundamento de nossa justificação; em vez disso, as escrituras consistentemente apresentam esse fundamento como a realização salvadora de Cristo, apresentada em termos negativos, afastando a ira de Deus em propiciação, e positivos, garantindo a justiça por sua morte substitutiva.

Não somos justificados por nenhuma fé, qualquer fé, mas pela fé em Cristo que expiou por nós. O meio da justificação é, claro, a fé, não as obras. Paulo ensina repetidamente que o instrumento que nos conecta à graça e justificação de Deus é a fé.

Isso já aparece em sua declaração de propósito, como mostram as palavras em itálico. Não me envergonho do evangelho porque é o poder de Deus para a salvação de todo aquele que crê, primeiro do judeu, depois do grego, pois nele se revela a justiça de Deus de fé em fé, como está escrito, citando Habacuque, o justo viverá pela fé, Romanos 1:16 e 17. Depois de lidar com o julgamento de Deus sobre o pecado, de Romanos 1:18 a 3:20, Paulo retorna à sua declaração de propósito e explica rapidamente sobre o que está falando, cita Romanos 3:22, a justiça de Deus é pela fé em Jesus Cristo para todos os que crêem, Romanos 3:22.

Mesmo ao explicar a propiciação, Paulo diz que ela é recebida pela fé, 3:25. Um versículo depois, ele fala da justificação de Deus, abre aspas, daquele que tem fé em Jesus, versículo 26. Caso tenhamos perdido, nos próximos cinco versículos, ele sublinha o fato de que as pessoas são justificadas pela fé, não pelas obras.

Romanos, eu estava dizendo cinco; é Romanos 3; desculpe, era 3:25, 3:26, e agora 3:27 a 31. O que, onde então, é ostentação? É excluída. Por que tipo de lei é excluída? Por uma de obras? Não, pelo contrário, mas por uma lei de fé.

Pois concluímos que uma pessoa é justificada pela fé, à parte das obras da lei. Ou Deus é Deus somente dos judeus? Ele não é Deus dos gentios também? Sim, dos gentios também, pois há um só Deus que justificará os circuncidados pela fé e os incircuncisos pela fé. Anulamos então a lei pela fé? Absolutamente não.

Pelo contrário, nós defendemos a lei, Romanos 3:27 a 31. Paulo dedica o próximo capítulo de Romanos a uma discussão sobre fé e ensina que fé e graça são inseparáveis. Não podemos ter uma sem a outra.

É por isso que a promessa, ele diz, citando Romanos 4:16, é por isso que a promessa da salvação é pela fé, para que seja segundo a graça, para a garantir a toda a descendência, não somente à que é da lei, mas também à que é da fé de Abraão. Ele é o pai de todos nós, Romanos 4:16. Paulo é ainda mais enfático mais tarde em Romanos 11:6. Agora, se é pela graça, então a salvação não é pelas obras.

Caso contrário, a graça deixa de ser graça, Romanos 11:6. Como meio de salvação, fé e obras são antitéticas. O complemento natural da graça é a fé, e somente a fé é o meio que Deus usa para nos declarar justos. A imputação da justificação, a justiça de Cristo.

Quando Deus une os crentes a Cristo, eles ganham todos os seus benefícios espirituais. A justificação, portanto, nunca está sozinha, e os pecadores crentes não são meramente justificados. Simultaneamente, os crentes são regenerados, declarados justos, adotados na família de Deus, separados como santos de Deus para uma vida inteira de crescimento e santidade, e muito mais.

Então, embora a justificação em si não envolva transformação moral, ninguém é justificado se não for também transformado pela graça de Deus na regeneração e santificação progressiva. No entanto, definir justificação em termos de transformação, como a teologia católica romana faz, é confundir categorias soteriológicas e prejudicar o povo de Deus. Isso os prejudica porque os encoraja a se esforçar para agradar a Deus em suas vidas, uma coisa boa, como um meio de ser aceito por ele, uma coisa ruim.

Os crentes são aceitos por Deus de uma vez por todas quando creem em Cristo, e ele os declara justos por causa da justiça de Cristo. Justificação é um termo forense ou legal que retrata Deus como o juiz que declara justos todos os crentes em seu filho. Deus trabalha na melhoria moral nas vidas de seu povo como resultado da regeneração e por meio da santificação progressiva, mas não na justificação.

Mas se nossas boas obras não são a base para Deus nos declarar justos, o que é? A resposta é a imputação da justiça de Cristo aos crentes, o tópico para o qual nos voltamos agora. Imputação é o ato de creditar algo a alguém ou a alguma coisa. Imputação é um termo bancário, um termo comercial.

É o crédito de algo a alguém ou algo. A Escritura ensina três imputações. A imputação do pecado original, a imputação do nosso pecado a Cristo e a imputação da sua justiça aos crentes.

Primeiro, Deus imputa o pecado primordial de Adão à raça humana. Romanos 5:18 e 19. Já falamos sobre isso várias vezes.

Segundo, Deus imputa nosso pecado ao seu filho crucificado. Citação, ele fez aquele que não conheceu pecado ser pecado por nós. 2 Coríntios 5:21a.

Terceiro, Deus imputa a justiça de Cristo a todo aquele que crê nele. Completando 2 Coríntios 5:21, Deus fez aquele que não conheceu pecado ser pecado por nós, completando essa declaração, para que nele pudéssemos nos tornar a justiça de Deus. Romanos 5:21b.

Nossa preocupação é com a terceira imputação. Afirmar essa imputação não se baseia em nenhuma passagem isoladamente, mas na combinação de três passagens, como Brian Vickers demonstrou. Seu livro se chama *Jesus, Blood, and Righteousness*.

Paul's Theology of Imputation, Justification by Grace Through Faith, em uma série chamada *Explorations in Biblical Theology*, que editei. Brian fez um bom trabalho neste livro. Três passagens são a base da imputação da justiça de Cristo aos crentes, e a doutrina é realmente uma combinação, combinando essas três passagens em um ensinamento.

Número um, Romanos 4:3. Abraão creu em Deus e isso lhe foi creditado como justiça. Romanos 5:19. Assim como pela desobediência de um só homem muitos foram feitos pecadores, assim também pela obediência de um só homem muitos serão feitos justos.

Romanos 5:19. E então 2 Coríntios 5:21. Ele fez aquele que não conheceu pecado ser pecado por nós, para que nele pudéssemos nos tornar justiça de Deus.

Romanos 4:3. Romanos 5:19. 2 Coríntios 5:21. Combinar esses três é a melhor maneira de ensinar a doutrina da justiça de Cristo, imputada às nossas contas bancárias espirituais.

A primeira passagem olha para trás, para a aparição de Deus a Abrão em uma visão e declara: Não tenha medo, Abrão. Eu sou seu escudo. Sua recompensa será muito grande.

Gênesis 15:1. Quando Deus promete a Abraão uma descendência incontável sem filhos, Abraão toma Deus em sua palavra e as escrituras dizem: Abraão creu no Senhor e isso lhe foi creditado como justiça. Gênesis 15:6. Paulo cita esse texto para provar que Abraão e todos os outros são justificados pela fé, não pelas obras. Abraão creu em Deus, e isso lhe foi creditado como justiça.

Agora, ao que trabalha, o pagamento não é creditado como um presente, mas como algo devido. Mas ao que não trabalha, mas crê naquele que justifica o ímpio, a sua fé lhe é creditada como justiça. Romanos 4:3 a 5. Por meio da fé, Deus imputa, credita e considera justiça a Abraão e a todos os outros que confiam em Cristo como Senhor e Salvador.

A segunda passagem, que já estudamos, revela que assim como a desobediência de Adão no Jardim do Éden fez muitos pecadores, assim a obediência de Cristo até a morte fará muitos justos. Ambas as expressões são de Romanos 5:19. Thomas Schreiner escreveu anteriormente em seu comentário de Romanos que, para aqueles em Cristo, Deus graciosamente imputa a justiça de Cristo.

Precisamente neste ponto, o contraste entre Adão e Cristo emerge, e a maravilha da graça brilha intensamente. Como filhos e filhas de Adão, entramos no mundo espiritualmente mortos e pecadores, mas Deus, em sua graça, reverteu os resultados funestos do pecado de Adão ao imputar a justiça de Cristo a nós. Tal imputação é um ato de graça.

É totalmente imerecido. Thomas Schreiner, *Romanos*, página 290. A terceira passagem é justamente celebrada.

2 Coríntios 5:21. Deus fez aquele que não conheceu pecado ser pecado por nós, para que nele nos tornássemos justiça de Deus. Lutero rotulou esse texto como uma troca feliz.

Citação, Senhor Jesus, tu és a minha justiça, assim como eu sou o teu pecado. Tu tomaste sobre ti o que é meu e me deste o que é teu. Tu tomaste sobre ti o que não eras e me deste o que eu não era.

Obras de Lutero, volume 48, páginas 12 e 13. Deus identificou o Cristo sem pecado com o nosso pecado de tal forma que ele pôde dizer que fez daquele que não conheceu pecado ser pecado. Nas palavras de Pedro, 1 Pedro 3:18, Cristo também sofreu pelos pecados uma vez por todas.

O justo pelos injustos, para que ele possa levá-los a Deus. 1 Pedro 3, 18. Em virtude da união com Cristo, nos tornamos justiça de Deus.

Isto é, Deus imputa a justiça de Cristo a nós e nos aceita. Murray Harris em seu comentário sobre 2 Coríntios, página 455, é claro. Citação, embora o termo legítimo, contabilizar, considerar, não seja usado no versículo 21, comparado ao versículo 29, não é inapropriado perceber neste versículo uma dupla imputação.

O pecado foi imputado à conta de Cristo, versículo 21a, de modo que a justiça é imputada à nossa conta, 21b. Como resultado de Deus imputar algo que era extrínseco a ele, a saber, o pecado, os crentes têm algo imputado a eles que era extrínseco a eles, a saber, a justiça. Em outra epístola, Paulo compartilha o resultado dessa imputação.

Ele considera conhecer a Cristo como seu valor supremo e está disposto a abrir mão de todo o resto. Seu objetivo mais alto é, entre aspas, ganhar a Cristo e ser encontrado nele, não tendo uma justiça minha que vem da lei, mas uma que é pela fé em Cristo, a justiça de Deus baseada na fé. Filipenses 3, 8 e 9. Combinar esses três textos produz bons resultados.

Deus, o juiz supremo, declara justos todos os que confiam na morte e ressurreição de Jesus para salvação. O Pai nos declara justos em Cristo e nos aceita com base em sua justiça, não na nossa. É isso que Lutero chamou de justiça alienígena.

Citando-o, agora é certo que Cristo ou a justiça de Cristo, uma vez que está fora de nós e é estranho a nós, não pode ser apreendido por nossas obras. Lutero, Terceira Disputa Sobre a Justificação, 1536, Obras de Lutero, volume 34, página 153. A imputação da justiça de Cristo a pecadores crentes explica muita coisa.

Ele explica como Paulo diz que os crentes, entre aspas, são justificados livremente por sua graça através do Que está em Cristo Jesus, Romanos 3:24. Ele explica como Deus poderia dizer de um crente, entre aspas, para aquele que não trabalha, mas crê naquele que justifica o ímpio, sua fé é creditada como justiça, Romanos 4:5. Ele explica por que Lutero considerava a justificação como o artigo sobre o qual a igreja se mantém ou cai e por que Calvino a chamou de dobradiça principal ou eixo principal sobre o qual o cristianismo gira. Calvino, Institutas da Religião Cristã, livro três, capítulo 11, parágrafo um.

Como em qualquer outro ensinamento bíblico, a justificação livre redundará na glória de Deus. Passamos para o que eu gosto de chamar de irmãzinha tímida da justificação, a adoção. A justificação recebe toda a imprensa, mas a adoção não é tão importante quanto a justificação historicamente na história da igreja; é uma doutrina calorosa e cativante.

Aqui está uma visão geral disso, que abordaremos no restante desta palestra. Adoção: primeiro, recebo um prelúdio bíblico como de costume, então adoção, formulações sistemáticas, nossa necessidade de adoção, a fonte da adoção, a base da adoção, os meios pelos quais nos apoderamos dela, adoção e união com a vontade de Cristo completam nossa formulação sistemática. Adoção, prelúdio bíblico, resumo.

Embora o tema da adoção não seja proeminente no Antigo Testamento, o Senhor é o pai de Israel, e Israel é seu filho. Como Israel era filho de Deus, seu primogênito, Deus prometeu cumprir suas promessas de salvação a eles, mesmo quando pecaram de forma dramática. O rei davídico também era filho de Deus, representando a nação diante de Deus.

Quando chegamos ao Novo Testamento, aprendemos que Jesus é o verdadeiro filho de Deus e que todos aqueles que são filhos de Deus, todos aqueles que são adotados, são adotados em virtude da obra expiatória de Jesus Cristo. A maravilha e a glória de ser filho de Deus são celebradas no Novo Testamento, e nossa filiação revela o amor e o cuidado incríveis de Deus por nós. Ao mesmo tempo, os crentes devem viver de uma maneira que seja adequada à sua adoção para que reflitam ao mundo o caráter de seu pai.

A adoção de crentes já é uma realidade, mas ainda não. Os crentes agora são adotados, mas a plenitude de sua adoção será consumada no último dia, quando os crentes receberão novos corpos na ressurreição. Adoção, adoção, formulações sistemáticas, formulações sistemáticas.

Construímos sobre o sólido fundamento bíblico, que acabei de resumir, para explorar uma teologia sistemática da adoção. Este ensinamento vital, porém negligenciado, é talvez o mais caloroso do Novo Testamento, como Jim Packer nos lembra em seu famoso livro, *Knowing God*, edição de 20º aniversário, página 201. Se você quiser julgar, diz Packer, o quão bem uma pessoa entende o cristianismo, descubra o quanto ela dá importância ao pensamento de ser filho de Deus e ter Deus como seu pai.

Se esse não é o pensamento que incita e controla sua adoração e orações e toda sua perspectiva de vida, significa que ele não entende o cristianismo muito bem. Tudo o que Cristo ensinou, tudo o que torna o Novo Testamento novo e melhor do que o

antigo, e tudo o que é distintamente cristão em oposição a meramente judaico é resumido no conhecimento da paternidade de Deus. Pai é o nome cristão para Deus.

Necessidade da adoção: Eu tenho repetidamente enfatizado que para entender os aspectos da aplicação da salvação, precisamos entender a necessidade de cada um deles. A necessidade da adoção não é meramente que somos órfãos, como muitos ensinamentos populares dizem. Não é errado dizer isso, mas Deus cavou um buraco muito mais fundo para nós do que apenas sermos órfãos.

A necessidade da adoção é servidão, escravidão ao pecado. Assim como todos os aspectos da aplicação da salvação, a adoção é melhor entendida em relação à necessidade humana por ela. Precisamos da adoção porque, devido à queda e aos nossos próprios pecados, somos escravizados ao pecado.

Paulo diz que antes da adoção, estávamos em escravidão sob os elementos do mundo, Gálatas 4:3 e que depois da adoção, é dito de cada crente, citação, então você não é mais um escravo, mas um filho, e se um filho, então Deus o fez um herdeiro, Romanos, Gálatas 4:7. A adoção é, portanto, a aplicação graciosa de Deus da salvação realizada por Cristo, na qual Deus liberta os escravos do pecado e os acolhe em sua própria família como filhos ou filhas. João fala mais fortemente do que Paulo. É assim que os filhos de Deus e os filhos do diabo se tornam óbvios.

Existem dois tipos de seres humanos para João: filhos de Deus e filhos do diabo. Quem não faz o que é certo não é de Deus, especialmente aquele que não ama seu irmão ou irmã, 1 João 3.10. João divide a humanidade em dois grupos igualmente observáveis, os filhos de Deus e os filhos do diabo. Yarbrough captura a ideia de João, citação, com base na ascendência divina de seu leitor, João está confiante de que os verdadeiros filhos de Deus, como os do diabo, em última análise, não podem esconder sua identidade, citação próxima.

Robert Yarbrough, 1-3 John, Baker Exegetical Commentary, página 196. Especificamente, John aponta para fazer o certo e amar uns aos outros como os testes decisivos da verdadeira linhagem espiritual. Os filhos de Deus refletem seu pai, a quem João descreve como Deus é luz, 1 João 1:5, e Deus é amor, 1 João 4:8 e 16.

As Escrituras também descrevem as pessoas se tornando filhos de Deus de outra forma: regeneração. Aqui, a necessidade é a morte espiritual que separa as pessoas de Deus. Seu antídoto é torná-las vivas espiritualmente, fazendo com que nasçam de novo, João 3, versículos 3 e 7. Então, há uma sobreposição no ensino da Bíblia.

Duas imagens são familiares: a imagem do tribunal da adoção e a imagem da morte para a vida da regeneração. O produto de ambas são os filhos de Deus, os filhos

nascidos de novo da regeneração de Deus e os filhos adotados da adoção de Deus. A fonte da adoção é o amor de Deus.

Veremos que o meio de adoção é a fé em Cristo, mas a fé é sua fonte última? A resposta é não. A fonte última de pessoas se tornarem filhos de Deus é sua vontade e amor. Paulo expõe isso em Efésios 1, versículos 4-5 e 11.

Em amor, Deus nos predestinou para adoção para si mesmo como filhos por meio de Jesus Cristo. De acordo com o propósito de sua vontade, para o louvor de sua graça gloriosa, com a qual ele nos abençoou no amado. Isso é apenas os versículos 4 e 5 de Efésios 1, não o versículo 11.

Aqui está o versículo 11. Nele, recebemos uma herança porque fomos predestinados de acordo com o plano daquele que fez todas as coisas de acordo com o propósito da sua vontade. Efésios 1:11.

No primeiro texto, Efésios 1:4 e 5, o amor de Deus pelas pessoas está por trás de sua filiação. Tudo isso concorda com a citação, o propósito de sua vontade e redundante, citação, no propósito de sua gloriosa graça. No segundo texto, a herança do crente, um resultado de nossa adoção, segue de seu plano de salvar.

João da mesma forma, João da mesma forma, traça nossa filiação ao amor incrível de Deus Pai por nós. 1 João 3:1. Vejam que grande amor o Pai nos concedeu, que fôssemos chamados filhos de Deus. E nós somos.

1 João 3:1. A adoção destaca o amor do Pai por seus filhos. Como Yarbrough afirma, citação, a grandeza do amor está em seus efeitos. Ele faz as pessoas tekna vós, filhos de Deus.

A grandeza do amor também está em seu propósito. O Pai concede tal amor para que, hina cláusula, João e seus leitores possam desfrutar de seu favor familiar. Yarbrough, 1 a 3 João, página 196.

Base da adoção, pessoa e obra de Cristo. Sua fonte é a graça de Deus. Significa fé.

Sua base é a pessoa e a obra de Cristo. Em que base Deus adotou escravos do pecado como seus filhos amados? Ele simplesmente os declarou seus? Não. Pois ele tinha que redimi-los de seu estado de escravidão, e para isso, a morte de seu filho era necessária.

Assim, a base para nossa adoção é a pessoa e a obra de Cristo. Primeiro, sua pessoa. Diferentemente dos crentes que se tornam filhos ou filhas de Deus pela graça por meio da fé, Cristo sempre foi o filho eterno de Deus por natureza.

Quando a escritura atribui agência na criação ao filho, isso implica sua filiação eterna. Paulo faz isso. O Pai, citação, nos resgatou do domínio das trevas e nos transferiu para o reino do filho que ele ama.

Pois tudo foi criado por ele. Nos céus e na terra, o visível e o invisível, sejam tronos ou dominações, principados ou potestades, todas as coisas foram criadas por ele e para ele. Colossenses 1:13, 16.

Hebreus faz o mesmo. Citação, nestes últimos dias, Deus falou conosco por seu filho. Deus o nomeou herdeiro de todas as coisas e fez o universo por meio dele.

Hebreus 1:2. Além disso, Paulo ensina que, citação, quando chegou o tempo da conclusão, Deus enviou seu filho nascido de uma mulher nascida sob a lei. Gálatas 4:4. A segunda pessoa da Trindade não se tornou o filho de Deus no momento de sua encarnação, mas aquele que existiu eternamente como o filho foi enviado pelo Pai ao mundo em sua encarnação. Segundo, a obra de Cristo.

O filho eterno de Deus morreu para libertar aqueles escravizados ao pecado. O motivo da expiação correspondente à adoção é a redenção. Isso envolve três coisas: um estado de escravidão, o pagamento de um preço de resgate e o consequente estado de liberdade dos filhos de Deus.

Citação: quando chegou o tempo de completar-se, Deus enviou seu Filho, nascido de uma virgem sob a lei, para redimir aqueles sob a lei, para que pudéssemos receber a adoção como filhos. Gálatas 4 :4 e 5. Anteriormente na mesma epístola, Paulo define mais explicitamente a redenção do filho. Citação, Cristo nos redimiu da maldição da lei, tornando-se maldição por nós, porque está escrito: maldito todo aquele que for pendurado no madeiro.

Gálatas 3:13. Nós, infratores da lei, estávamos sob uma maldição, que é a penalidade que a lei ameaçava aos desobedientes. Em graça, Cristo pagou nossa penalidade morrendo como um homem amaldiçoado em nosso lugar.

Como resultado, desfrutamos da liberdade cristã dos filhos de Deus. Stott não exagera a importância deste texto. Citação, esta é provavelmente a declaração mais clara no Novo Testamento sobre substituição, escreveu John Stott.

A maldição da lei quebrada repousava sobre nós. Cristo nos redimiu dela ao se tornar uma maldição em nosso lugar. A maldição que estava sobre nós foi transferida para ele.

Ele assumiu que poderíamos escapar disso. Em nossa próxima palestra, continuaremos com a adoção, desta vez olhando para seus meios, que é a fé em Cristo como Redentor.

Este é o Dr. Robert Peterson em seu ensinamento sobre Salvação. Esta é a sessão 14, Justificação, Número 3, Formulações Sistemáticas e Adoção, Parte 1.